

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – DIRECTOR’S CUT
30 de abril de 2026

VRAZDA ING. CERTA / 1970
(“A Morte do Engenheiro Diabo”)

Um filme de Ester Krumbachová

Realização, Argumento, Produção, Figurinista: Ester Krumbachová / *Argumento:* Ester Krumbachová, baseado num conto e radionovela da sua autoria / *Direção de Fotografia:* Jirí Macák / *Design de Produção:* Boris Moravec / *Direção Artística:* Jiri Rulik / *Direção de Produção:* Jaromír Kallista / *Som:* Frantisek Fabián / *Montagem:* Miroslav Hájek / *Música:* Angelo Michajlov / *Interpretações:* Jirina Bohdalová (Ela), Vladimír Mensík (Sr. Diabo), Ljuba Hermanová (Miriam), Helena Ruzicková (Medium) / *Cópia:* DCP, falado em checo com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 74 minutos / *Estreia Mundial:* 26 de julho de 1970, Karlovy Vary Film Festival / *Estreia Nacional:* 4 de janeiro de 2025, Batalha Centro de Cinema, Porto / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Há quem a apelide de “a madrinha da Nova Vaga Checa”. Figura discreta mas excedendo-se em várias frentes, entre o trabalho de figurinista, diretora artística, argumentista e na qualidade de escritora e ilustradora. Uma mulher multitalentosa cujo papel desempenhado nesse período áureo do cinema do seu país carece ao dia de hoje de um justo reconhecimento. Entre outros notáveis feitos, foi responsável pelo guarda-roupa e escreveu com Vera Chytilová o argumento de **Sedmikrásky / Jovens e Atrevidas** (1966) e, no ano de lançamento deste **Vrazda ing. Certa / “A Morte do Engenheiro Diabo”**, o seu nome apareceu nos créditos de **Valerie a týden divu / Valeria e os Sonhos** como argumentista, ao lado do cineasta Jaromil Jireš, e responsável pelo *design* de produção. Em 2005, Chytilová realizou um filme dedicado à amiga e colaboradora significativamente intitulado **Pátrání po Ester / “À Procura de Ester”**.

Ester Krumbachová é um pouco como a protagonista (designada genericamente por “Ela”) desta sua primeira e única incursão na realização: com o charme e a audácia de quem sabe fazer tudo e bem, começando pela organização do lar, no âmbito de uma impecável “economia doméstica”, não pedindo reconhecimento, mas, apesar ou por causa disso, terminando sozinha, abandonada ou até destratada por aqueles que reclamam, com alarde, o poder de mandar nos outros. Um poder baseado em pouca coisa ou em coisa nenhuma, para lá do facto de terem “pelos no peito” e falarem mais alto.

Como canta e grita James Brown, “this is a man’s world” e, como dita a música do filme, à protagonista magnificamente interpretada por Jirina Bohdalová, é preferível qualquer homem (até o mais horrroso “homem das neves”) a nenhum homem na sua vida. Não espanta que este conto escrito pela própria Ester Krumbachová tenha sido convertido numa radionovela antes de acabar adaptado ao grande ecrã, tal é o modo como obedece a um certo minimalismo cenográfico próprio do teatro: entre a sala e a cozinha do apartamento da heroína, descobrem-se os cenários preferenciais para se encenar a visita do Diabo. Ele é recebido inúmeras vezes pela solitária “dona-de-casa”, que ao início suspira por uma companhia masculina que confira alguma sentido à sua vida. Esta alegoria truculenta e sensorialmente riquíssima (as sequências gastronómicas são dignas de um dos mais sumptuosos livros de receitas postos em celuloide) pretende atacar o coração de uma sociedade patriarcal em que à figura do homem-criança se associam adágios populares tais como “o caminho para o coração de um homem passa pelo estômago”.

Não sabemos como seria o filme realizado pelo marido de Krumbachová, Jan Nemeč (**Démanty noci / “Diamantes da Noite”** [1964], com figurinos de Krumbachová, e o celeberrimo “banido para sempre” **O slavnosti a hostech / “A Festa e Seus Convidados”**, este último com argumento, história, direção artística e figurinos de Krumbachová), a quem fora atribuído este projeto, mas que, por ter acabado proscrito pelo regime, optou por endossar a missão à sua multitalentosa companheira. Ora, a força – até a virulência – da mensagem contida neste filme não seria a mesma se Krumbachová não ocupasse aqui, e

por uma vez, o lugar de realizadora. Não conseguimos deixar de ver nele representado todo um sistema de poder contra o qual a própria Krumbachová “se posiciona”. Na verdade, ao pôr em cena uma série de visitas degradantes desse arrogante e boçal Sr. Diabo (interpretação do grande ator checo Vladimír Mensík, que à época fazia dupla cômica precisamente com Jirina Bohdalová em programas de televisão), Krumbachová parece “recozinhar” a sobejamente (re)conhecida trama falocrática da vida real. Na casa da protagonista, o visitante de maus modos devora-lhe os cozinhados, comendo até os pratos e roendo-lhe os móveis. As interpretações são propositadamente exageradas – como uma espécie de ópera-bufo algo absurda e escatológica/herética – porquanto **Vrazda ing. Certa** é um *statement* feminista que se quer tão audível quanto fora, no seu tempo e ainda hoje, uma obra como **Sedmikrásky / Jovens e Atrevidas**. Krumbachová, quer dizer, Jirina Bohdalová interpretando a heroína do filme, está farta de ser maltratada pelo Sr. Diabo, isto é, de ser desmerecida por um sistema que a convence de necessidades ou dependências de que, na realidade, não precisa. A autonomização de Krumbachová por via da realização seria, lamentavelmente, sol de pouca dura, uma vez que se viu proibida de realizar filmes pelo regime após a estreia de **Vrazda ing. Certa** e, de facto, permanece até ao dia de hoje um nome a descobrir mesmo entre os cinéfilos mais *gourmet*.

Sobre o efeito alegórico e as fantasias surrealistas que perpassam esta história, importa referir o nome de Jaromír Kallista como diretor de produção, quase vinte anos antes de iniciar uma das colaborações mais prolíficas do cinema checo: a que começou em 1988, prolongando-se por cerca de trinta anos, com Jan Svankmajer, no extraordinário esforço de adaptação de *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll. A verdade é que o fascínio pela fábula e pela linguagem do terror mais carnal está já presente neste filme de Krumbachová, que nesta sua alegoria sexual e gastronómica parece ensaiar qualquer coisa como um “conto infantil para adultos”, repleto (*recheado como um peru a ser servido ao Sr. Diabo*) de uma furiosa crítica feminista visando o meio cultural e a sociedade checa como um todo (com certeza, a do período da sua “normalização política” pelo regime soviético). Trata-se já da Alice de Svankmajer e de Kallista a sair do “rabbit hole” para pôr a casa em ordem, mas agora, e por uma vez, perfeitamente *a seu gosto* e com o único objetivo de reivindicar o direito às suas próprias “fantasias”, por exemplo, a uma vida faustina levada à máxima fruição ainda que na ausência de uma companhia masculina. “Ainda que” ou “precisamente porque”? Se pensarmos bem, o filme dá a resposta.

Luís Mendonça